



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - DEC
CURSO DE PEDAGOGIA - ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

GLAUCILEIDE NUNES DE MELO

PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: a perspectiva docente em uma escola
municipal do ensino fundamental na cidade de Pedras de Fogo - PB

JOÃO PESSOA

2018

GLAUCILEIDE NUNES DE MELO

PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: a perspectiva docente em uma escola municipal do ensino fundamental na cidade de Pedras de Fogo - PB

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I - João Pessoa/PB, como exigência para a obtenção do título de Licenciatura plena em Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira.

JOÃO PESSOA

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

M528p Melo, Glaucileide Nunes de.

PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: A PERSPECTIVA DOCENTE EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DO ENSINO FUNDAMENTAL DA CIDADE DE
PEDRAS DE FOGO-PB / Glaucileide Nunes de Melo. - João
Pessoa, 2018.

43 f. : il.

Orientação: Profa Dr Ana Paula Romão de Souza Ferreira.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Preconceito Racial, Perspectiva Docente, Ens Funda.
I. Ferreira, Profa Dr Ana Paula Romão de Souza. II.
Título.

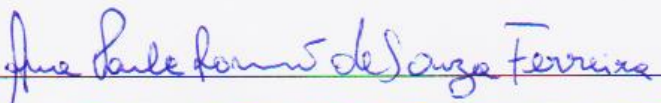
UFPB/BC

**PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA: a Perspectiva Docente em uma escola
Municipal do Ensino Fundamental da cidade de Pedras de Fogo - PB**

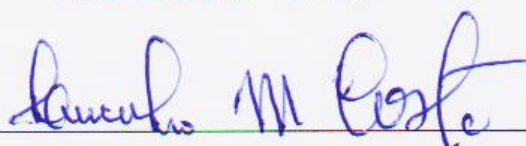
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado ao Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I - João Pessoa/PB, como exigência para a obtenção do título de Licenciatura plena em Pedagogia

Aprovado em: 06 / 06 / 2018.

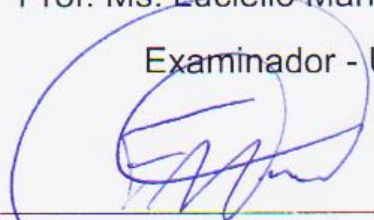
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Ana Paula Romão De Souza Ferreira
Orientadora - UFPB



Prof. Ms. Luciélio Marinho da Costa
Examinador - UFPB



Prof. Dr. Fábio Nascimento da Fensêca
Examinador - UFPB

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pela força e coragem durante toda essa caminhada. A Jailson Batista Dos Santos, pelo apoio diário. A professora Ana Paula Romão, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão deste TCC.

“A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Nelson Mandela

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, que me deu força e boa saúde mental para concluir o curso de Pedagogia Educação do Campo, realizando assim, esse objetivo, por mim traçado.

Aos meus pais, Marilene Silva de Melo, Ediglaucio Nunes de Melo, que mesmo distante sempre acreditaram nos meus sonhos, bem como, incentivavam a sua realização.

À Universidade Federal da Paraíba, pela concretização deste sonho, ser professora.

À minha orientadora professora Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira, que além de me oferecer tudo o que deveria para uma boa construção deste trabalho, deu-me a confiança de que seria capaz de concluir este trabalho de conclusão de curso.

À professora Dra. Eunice Simões Lins, a professora da disciplina, por seu incentivo diário.

Aos demais professores do curso, que contribuíram cada um a sua maneira, para que eu conseguisse realizar essa etapa em minha vida.

Às minhas queridas amigas, Ana Claudia Bulhões de Vasconcelos, Djulya Franciele do Rego Oliveira, Micaela Dayse Cruz do Nascimento, Aline Lorena, que sempre dividiram comigo, os momentos bons e ruins, que foram fundamentais para que eu pudesse realizar este sonho. Também agradeço ao amigo, Adriano Garcia dos Santos pelo apoio de sempre, durante nosso curso.

Aos meus amigos, Antônio Laurentino da Silva, Jailson Batista dos Santos pelo apoio durante esses anos na minha graduação.

Às amizades conquistadas aos longos dos anos, pessoas que conheci na sala de aula e que os levarei para minha vida.

Aos meus amigos de trabalho, Rómulo Elói, Deodato Alves pela compreensão e incentivo nessa conquista. E os demais amigos de trabalho que contribuíram para essa conquista.

RESUMO

O presente estudo aborda a temática do preconceito racial na escola pública, com o título: Preconceito Racial na Escola: a perspectiva docente em uma escola municipal do ensino fundamental de Pedras de Fogo-PB. Seu objetivo geral consiste em analisar o preconceito racial, sob o olhar dos professores, dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dulcinete Nunes de Medeiros. Sua problematização emerge da tentativa de identificar e compreender, quais os possíveis fatores de preconceito presentes no ensino fundamental, anos iniciais, na perspectiva docente. Para encontrar respostas ao referido problema, o trabalho parte dos seguintes objetivos específicos: identificar possíveis fatores de preconceito racial na escola a partir da visão docente; discutir o papel docente frente aos processos de socialização em relação aos possíveis fatores de preconceito racial na escola; Discutir o racismo a partir dos fatores de preconceito. Para tanto, o referido trabalho apoia-se na metodologia qualitativa, de caráter exploratório, bibliográfica e pesquisa de campo, utilizando-se de questionário e análise de conteúdo temático. No tocante, o trabalho fundamenta-se na legislação, e em autores que abordam a temática racial em espaços escolares, tais como: Lopes (2005); Santos (2010); e Munanga (2005), dentre outros. Em relação aos resultados, podemos inferir que o espaço escolar deve caracterizar-se indiscutivelmente privilegiado, onde o distanciamento do racismo e do preconceito racial é feito através de práticas pedagógicas inclusivas que possibilitem a autonomia e ressignificação de sua história. Temos o entendimento que somos uma nação multirracial e que a valorização do que constitui a história e a formação do nosso povo, possibilita a construção e permanência de uma memória plural em respeito à diversidade étnica racial.

Palavras chave: Preconceito Racial. Perspectiva Docente. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present study addresses the theme of racial prejudice in the public school, with the title: Racial Prejudice in School: the teaching perspective in a municipal elementary school in Pedras de Fogo-PB. Its general objective is to analyze the racial prejudice, under the eyes of the teachers, of the initial years of elementary school at the Municipal School of Elementary School Dulcinete Nunes de Medeiros. Its problematization emerges from the attempt to identify and understand, what possible factors of prejudice present in elementary school, early years, from the educational perspective. To find answers to this problem, the work has the following specific objectives: to identify possible factors of racial prejudice in the school from the perspective of teachers; discuss the role of teachers in relation to socialization processes in relation to possible factors of racial prejudice in the school; Discuss racism based on the factors of prejudice. Therefore, this work is based on the qualitative methodology, exploratory, bibliographic and field research, using a questionnaire and analysis of thematic content. In this respect, the work is based on legislation, and on authors who approach the theme of race in school spaces, such as: Lopes (2005); Santos (2010); and Munanga (2005), among others. Regarding the results, we can infer that the school space must be unquestionably privileged, where the distancing of racism and racial prejudice is done through inclusive pedagogical practices that allow the autonomy and resignification of its history. We have the understanding that we are a multiracial nation and that the valorization of what constitutes the history and the formation of our people, makes possible the construction and permanence of a plural memory in respect to ethnic racial diversity.

Keywords: Racial Prejudice. Teaching Perspective. Elementary School.

LISTA DE QUADROS

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 01 - Aspectos físicos da Escola..... | 26 |
| Quadro 02 - Aspectos Administrativos da Escola..... | 28 |
| Quadro 03 - O entendimento sobre os conteúdos etnicorraciais, e sobre preconceito racial..... | 30 |
| Quadro 04 - Já presenciou preconceito racial na sala de aula?..... | 31 |
| Quadro 05 - Preconceito racial em livros didáticos..... | 31 |
| Quadro 06 - A temática dentro do Projeto Político Pedagógico na Escola..... | 32 |
| Quadro 07 - Importância da temática sobre o preconceito racial na escola..... | 33 |
| Quadro 08 - Atividades da Semana da Consciência Negra..... | 33 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|-----------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 01 - Etnia das Docentes Entrevistadas..... | 29 |
|-----------------------------------------------------------|----|

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

ENERA - Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OIT - Organização Internacional do Trabalho

ONG - Organização Não Governamental

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

MEC - Ministério da Educação

PNAIC - Pacto Nacional na Idade Certa

PPP - Projeto Político Pedagógico

PROFA - Programa de Formação de Professores Alfabetizados

SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

UnB - Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| CAPÍTULO I | 15 |
| CONCEPÇÃO TEÓRICA SOBRE O RACISMO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO | 15 |
| 1.1 Racismo no Brasil: um breve histórico..... | 15 |
| 1.2 A implementação da Lei nº 10. 639/2003..... | 17 |
| 1.3 Preconceito Racial: concepções e relações..... | 19 |
| 1.4 O Preconceito Racial no contexto escolar..... | 21 |
| 1.5 A Concepção de Educação do Campo e Escola do Campo..... | 24 |
| CAPÍTULO II | 27 |
| ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA | 27 |
| 2.1 Caracterização da escola..... | 27 |
| 2.1.1 Aspectos pedagógicos da escola | 28 |
| 2.1.2 A relação escola comunidade | 30 |
| 2.2 A perspectiva docente sobre o Preconceito Racial..... | 31 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 37 |
| REFERÊNCIAS | 39 |
| APÊNDICE | 41 |
| ANEXO | 43 |

INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda o tema preconceito racial na escola pública, com título: Preconceito Racial na Escola: a perspectiva docente em uma escola municipal do ensino fundamental, anos iniciais. Tem como principal objetivo analisar o preconceito racial, sob o olhar dos professores dos anos iniciais, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dulcinete Nunes de Medeiros, do município de Pedras de Fogo, Paraíba.

O interesse por esta temática surge do contato com disciplina de Educação Étnico Racial e Ensino da Cultura Afro-Brasileira, da disciplina de estágios, ocorridos durante o Curso de Pedagogia – Educação do Campo e das experiências observadas no ambiente escolar. A abordagem acerca do preconceito racial na escola implica no debate sobre sua dimensão excludente, configurando-se como um grave problema que assola os espaços escolares. Cabe uma exposição dos pressupostos legais, propostos em diretrizes, medidas de precaução contra esse problema existente na escola.

Nesse sentido, os professores têm um papel importante para que o currículo, as diretrizes e métodos sejam efetivados. É preciso trabalhar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira. Por isso, devemos reconhecer e valorizar os constituintes da formação da cultura (música, culinária, dança, crenças e valores) de matriz africana na origem e formação do povo brasileiro.

Diante do exposto, a problemática surge do interesse de entender quais as causas que levam a existência do preconceito racial no ensino fundamental, dos anos iniciais, sob a perspectiva docente. Para encontrar respostas ao referido problema e atender o objetivo principal, o trabalho parte dos seguintes objetivos específicos: identificar possíveis fatores de preconceito racial na escola; discutir o papel docente frente aos processos de socialização em relação aos possíveis fatores de preconceito racial na escola; discutir o racismo na escola, investigada e identificada a partir de preconceitos existentes no espaço escolar.

No tocante aos aspectos metodológicos, o referido trabalho apoia-se na metodologia qualitativa, de caráter exploratório, bibliográfico e pesquisa de campo, utilizando-se de questionário e análise de conteúdo. A escolha por esse método justifica-se pela possibilidade de uma aproximação mais eficaz à compreensão da

complexa realidade desse problema na escola, bem como, objetiva promover uma educação que reconheça e valorize a diversidade racial e cultura do nosso povo, com também, valorizar a formação de sua origem.

Em relação aos aspectos teóricos, a pesquisa fundamenta-se na legislação e em autores que abordam essa temática em espaços escolares, tais como: Lopes (2005), que discute a existência do racismo na escola, velado ou escancarado; Almeida e Sanchez (2017), que discutem sobre a implantação da Lei sobre o ensino da história afro-brasileira na escola, ressaltando sua importância no combate ao preconceito racial nesse espaço; Munanga (2005), que fala a respeito do déficit de capacitação dos professores despreparados em relação ao preconceito racial na escola.

Quanto ao seu aspecto estrutural, o presente trabalho compõe dois capítulos. No primeiro capítulo, será apresentada uma concepção teórica sobre o Racismo e sua relação com a educação, considerando sua discussão e importância no espaço escolar e no segundo, teremos uma análise de dados da pesquisa, que mostra o resultado da nossa pesquisa.

CAPÍTULO I

CONCEPÇÃO TEÓRICA SOBRE O RACISMO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

1.1 Racismo no Brasil: um breve histórico

De acordo com Queiróz (1998), a escravidão no Brasil iniciou com a chegada dos portugueses, em meados do século XVI. Os negros foram trazidos em navios negreiros, em condições sub-humanas, alguns morriam antes de chegarem a seus destinos e eram lançados ao mar. Os sobreviventes eram vendidos pelos portugueses como mercadorias. Aqueles que apresentavam melhor condição e disposição para o trabalho eram vendidos por um preço melhor.

Devido à expansão da produção de cana de açúcar no território brasileiro, os negros foram obrigados a trabalhar nas zonas rurais, as condições de trabalho eram precárias e desumanas, a alimentação era regrada, qualquer distração era motivo para ser chicoteados. Durante a noite viviam presos em senzalas e, quando tentavam fugir, eram impedidos e castigados.

A população negra foi obrigada a abandonar suas tradições e costumes, até mesmo, foram proibidos de viver e praticar a própria religião, por essas razões se revoltaram. Desde então se organizaram para fugir em grandes grupos, foi a partir daí que surgiram os quilombos, que são considerados, os locais de refúgio dos escravos. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o Brasil foi o último país do mundo a abolir o trabalho escravo.

Para Lopes (2005):

Um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracional e pluriétnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem. No entanto, afloram a todo o momento, ora de modo velado, ora escancarado, e estão presentes na vida diária (LOPES, 2005, p.186).

A autora afirma que ainda é possível que grande parte dos brasileiros continue fomentando suas ideias e atitudes preconceituosas, pois está enraizado em seu cotidiano, reproduzidos ao longo do tempo, presente e problemático, em diferentes

contextos e em diversas situações, o racismo também está presente no ambiente escolar, independentemente de sua forma explícita ou implicitamente.

A escola, no processo contínuo de educação, precisa combater o racismo, utilizando práticas pedagógicas de valorização e reconhecimento da cultura afro-brasileira. Sua função social é fundamental na socialização do conhecimento, promovendo uma cultura de respeito à diversidade étnica racial em combate aos preconceitos raciais existentes em nossa sociedade e, particularmente, nas escolas. É preciso educar para o respeito à diversidade e, sobretudo, para o reconhecimento da construção da nossa identidade em quanto povo.

De acordo com Silva (2007, p. 43):

Educar para uma sociedade pluriétnica compreende fomentar práticas sociais voltadas para convivência plena dos cidadãos; incentivar programas de inclusão sócio-educacional; desenvolver políticas de reparação, por meio de ações afirmativas diversas; valorizar o patrimônio histórico-cultural das etnias marginalizadas; enfim, implementar ações que, superando os preconceitos historicamente forjados e as discriminações tradicionalmente toleradas, resgatem a autoestima, o universo simbólico, a cidadania e a identidade racial das comunidades que compõem a sociedade brasileira, particularmente os afrodescendentes.

Segundo a autora é preciso pensar a educação como instrumento de transformação social, a fim de promover uma interação dos sujeitos que a integra, conscientizando contra qualquer forma de racismo, preconceito e discriminação racial, e mostrando a riqueza que essa diversidade nos traz. Podemos construir uma escola menos desigual e que respeite a diversidade racial existente em nossa sociedade.

A existência de leis que visam reconhecer essa sua importância, cria na escola um ambiente de valorização da cultura afro-brasileira. Isso torna possível combater esse problema social, existente na sociedade, em especial, nas escolas. Não podemos ignorar sua existência. O tópico a seguir, contempla seu aspecto legal realizado pela lei de nº 10. 639/2003, que fundamenta seu valor como proposta curricular no ensino e aprendizado no espaço escolar.

1.2 A implementação da Lei nº 10. 639/2003

A partir de 2003, foi instituída pelo Presidente da República, a Lei nº 10.639, que alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, com finalidade de incorporar estudos sobre a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira em todos os níveis da escolaridade brasileira.

Segundo Almeida e Sanchez (2017), com a implantação desta Lei, as instituições de ensino passaram a abordar conteúdos relacionados à História de luta dos negros no Brasil, suas origens, seus costumes e as contribuições que trouxeram para o país. Além de inserir no calendário letivo oficial, o dia 20 de novembro, como Dia Nacional da Consciência Negra.

A partir da implementação dessa legislação, os educandos tiveram oportunidades de entender e conhecer melhor a cultura afro-brasileira e africana. Nessa perspectiva, a lei mencionada tende a ser entendida como uma forma de desmitificar a imagem negativa contra a população negra. Essa lei surge da necessidade de mudança de mentalidade dentro e fora da escola. Com ela, poderemos obter um olhar diferente e de reconhecimento para a cultura afro-brasileira.

Assim, a implementação da Lei referida, possibilitou-nos conhecer, parcialmente, um pouco mais da História da África e dos Africanos e de sua contribuição cultura para a formação do povo brasileiro, e assim, reconhecendo, respeitando e valorizando seu valor na formação da nossa identidade e história. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma (BRASIL, 2004, p.11):

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas, indígenas e europeias.

Portanto, algumas escolas ainda não se adaptaram para trabalhar essa temática, particularmente, porque alguns professores não estão preparados para abordarem essa questão. É importante que haja uma capacitação para os professores trabalharem esse tema em sala de aula, a fim de que essa Lei não fique apenas no papel, e passe a ser concretizada.

Como salienta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2004, p. 4):

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação [...] implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, e não sejam desencorajados de prosseguir nos estudos, de estudar questões que respeitem à comunidade negra.

O estudo de matrizes africanas não apenas deve ser conhecido na escola, como também valorizado, em reparação ao sofrimento lhes causados, mas, sobretudo, como reconhecimento do seu papel na formação histórica e cultural de nossa identidade e da importância e do respeito à cultura africana. Deste modo, a educação pode transformar a realidade do sujeito preparando para conviver com as diferenças, respeitando a diversidade e despertando para uma nova consciência, amenizando o preconceito racial, por meio de práticas educacionais de conscientização e respeito às diferenças.

Segundo Verçosa (2012, p.42):

[...] a escola precisa proporcionar momentos de discussão, estudo que envolva professores, alunos e toda comunidade escolar, dessa maneira ampliar os conhecimentos sobre a história do negro, sua contribuição para a evolução da humanidade, principalmente como forma de obter informações mais aprofundadas dos afrodescendentes e das relações estabelecidas entre os outros povos.

Prontamente, essa temática deve ser abordada na escola de modo que o professor possa reconhecer a história do negro e sua luta de forma consciente e assim, posso combater o preconceito existente na escola, fazendo com que todos sejam respeitados pelo que trazem em sua essência humana e não pela cor da pele, tipo de cabelo ou outro atributo étnico racial. A escola exerce, fundamentalmente, o papel de transformar o indivíduo e para isso, é preciso entender que educação se faz com respeito, tolerância e conhecimento, com a finalidade combater o preconceito racial.

1.3 Preconceito Racial: concepções e relações

Segundo Mendes (2010), a palavra preconceito é formada pelo prefixo latino “pré” (anterioridade, antecedência) mais o substantivo “conceito” (opinião, reputação, julgamento, avaliação). O preconceito é, portanto, o conceito formado antes de ter os conhecimentos necessários, é a opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação. Preconceito é um conceito de algo que não conhecemos ainda. É aquilo que concebemos antes mesmo de sua definição.

Os julgamentos que fazemos, em sua maioria, são formulados dos juízos de valores concebidos previamente. Muitas das vezes, fazemos julgamentos preconceituosos. Definimos algo sem conhecer e logo, combatemos, dizendo ser de valor ou não, ou seja, os preconceitos nascem da nossa convivência social. Ninguém nasce preconceituoso, pelo contrário, a pessoa torna-se preconceituoso na convivência em sociedade. É pelo contato com o indivíduo que estabelecemos nossa hierarquia de valores e marginalizando aquilo que não aceitamos. É daí que surgem nossos preconceitos. Anulamos o que não aceitamos.

Para Gomes (2005, p. 54):

O preconceito racial é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou religião de pessoas que ocupam outro papel significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestam. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimentos dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro.

O preconceito racial sustenta a ideia de superioridade de uma raça em relação à outra raça, é algo formado a partir de crenças e juízos de valor que a sociedade sustenta sobre as diferenças raciais. É uma atitude sem reflexão, uma prática fundada na superioridade racial e conseqüentemente ignora e tem como inferior tudo que se está relacionada ao outro.

O preconceito é tão forte que ainda leva os educandos ao fracasso e a evasão escolar mesmo com a lei que os ampare de toda intolerância racial. A Lei nº12.288 de julho de 2010 garante à população negra, a efetivação da igualdade de

oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e as demais formas de intolerância étnica. Mesmo assim, muitos não suportam a convivência na escola e deixam de estudar devido o preconceito racial.

Vejam o que diz a lei de igualdade racial sobre a discriminação e desigualdade racial:

I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada; II - desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica; III - desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais; (BRASIL, IBGE, 2010, p. s/p.).

A referida Lei dá ao negro todos os direitos e deveres como qualquer outro cidadão. Ele é tratado de forma igual e por isso, deve ser respeitado. O problema é que na maioria das vezes, não é cumprido. É nesse sentido, que a educação exerce um papel fundamental na formação do cidadão em respeito à diversidade. A educação deve preparar os educandos de forma epistemológica tendo em vista que a escola é um espaço social privilegiado de construção do conhecimento e luta contra todo tipo de preconceito, especialmente o racial.

Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Por que é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferente, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. É um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. (BRASIL, PCN, 1998, p. 21).

O grande desafio não está na questão legislativa, mas, na criação de uma escola que mude a mentalidade das pessoas, já que nela convivem alunos,

professores e funcionários de origens, crenças, culturas e níveis econômicos diferentes. Ao que se refere às práticas pedagógicas deve-se frisar o repúdio das práticas racistas e inconstitucionais, a ampliação dos conhecimentos acerca da origem dos povos, valorizando-as e utilizando como meio de aprendizagem. Deve-se usar a pluralidade como mecanismo de aprendizagem e enriquecimento cultural banindo os estereótipos e preconceitos para uma convivência democrática e socialmente agradável. A escola deve desenvolver um espaço socialmente favorável ao respeito e a tolerância às diferenças.

Alguns professores, por déficit de capacitação ou até mesmo por preconceitos neles intrometidos, não sabem identificar situações de preconceito no ambiente escolar e, especialmente na sala, momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e sensibilizar seus alunos sobre a relevância e a riqueza que ela traz à cultura e identidade nacional. Logo, o professor precisa ajudar o aluno discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente imposta em detrimento de sua própria natureza humana (MUNANGA, 2005, p. 15).

Segundo o autor, embora se trate de uma tarefa difícil, é responsabilidade da sociedade, de uma forma geral, transformar as pessoas, diminuir as práticas racistas, superar o preconceito, construir e preservar os valores que envolvem o respeito entre as pessoas. É necessários, estabelecer as possíveis relações em meio às diferenças e todo esse processo também passa pela escola, pois como instituição que faz parte da sociedade, ela vive as práticas de discriminação e de desigualdade que promovem a exclusão das pessoas. Ela tem papel fundamental no rompimento dessas práticas na sociedade preconceituosa em que vivemos. Nesse sentido é necessário construir uma escola sem desigualdades e formar os alunos conscientes de não ofender a dignidade do outro em relação à raça (cor de pele) e etnia (língua e cultura).

1.4 O Preconceito Racial no contexto escolar

A educação escolar ainda é um espaço privilegiado para crianças, jovens e adultos das camadas populares em ter acesso ao conhecimento científico e artístico, do saber sistematizado e elaborado. A escola é o espaço onde se encontra a maior

diversidade cultural e muitas vezes, também é um local que mais acontece à discriminação. Tanto é assim, que existem escolas para ricos e escolas para pobres, de boa e má qualidade, respectivamente.

Por isso trabalhar as diferenças é um desafio para o professor. É com o professor que surge a provocação e mudança de mentalidade da escola em relação à temática. Infelizmente, a escola em que trabalha, é reprodutora do conhecimento da classe dominante, classe esta que estabelece as regras, os conteúdos a serem transmitidos e os métodos a serem aplicados na escola. Mas se o professor for detentor de um saber crítico, poderá questioná-los e provocar a mudança de mentalidade dos alunos e da própria prática docente.

Na maioria dos casos, os professores nem se dão conta de que o país é pluriétnico e que a escola é o lugar ideal para discutir as diferentes culturas, e de suas contribuições na formação do nosso povo. Eles, muitas das vezes, ignoram que as dificuldades do aluno advêm do processo com que está relacionado à sua cultura, tão desrespeitada ou até ignorada por todos que fazem a educação.

As escolas ainda não estão adequadas para eliminar o racismo que ocorre no seu interior. Em sua maioria, por falta de capacitação dos profissionais e por um curricular escolar que não contempla a igualdade e o respeito à diversidade cultural. A respeito dessa realidade é a existente de um currículo escolar que contempla um conhecimento basicamente de formação europeia e seus aspectos políticos, históricos e sociais. Como combater o racismo senão transformando nossas práticas pedagógicas. O professor é parte essencial nesse processo. É preciso, repensar sua docência, em sua formação e atuação em sala de aula.

Segundo Munanga (2015), o preconceito compenetrado no professor, e sua dificuldade em lidar com a diversidade encontra-se agregada em livros e materiais didáticos, desestimula o aluno negro e prejudicando seu aprendizado. O que explica a repetência e o alto índice de evasão escolar do aluno negro, em relação ao aluno branco.

O índice alto de evasão desse público pode ser explicado parcialmente por um sistema educativo que não contempla a cultura e a identidade dos estudantes negros. “Essa escola não atrativa ao estudante em termos de conteúdo, de recreação e de profissionais que não dialogam com a realidade precisa mudar”, considera a presidente da Conanda, ao destacar, por exemplo, a necessidade de pais, alunos e sociedade cobrar o trabalho do conteúdo da LDB

alterada pela Lei 10.639/03 que versa sobre a inclusão da história e cultura negra dentro da sala de aula. (GONÇALVES, 2014, p.1).

O discurso de Gonçalves (2014), não só é uma alerta para existente problemática da evasão escolar, como também para uma chamar de consciência e responsabilidade social de todos para efetivação da lei que reconhece a importância da história e da cultura negra na escola. A autora deixa claro, que a escola não cumpre seu papel social de manter os alunos negros na escola, porque não corresponde ao reconhecimento da cultura afro-brasileira. Pelo contrário, esses alunos sofrem preconceitos e em sua maioria, são marginalizados no espaço escolar.

Vejamos o que ainda diz a seu respeito, apontando outro dado preocupante:

Apontam que mais de um milhão de crianças e adolescentes, entre 06 e 14 anos, encontram-se trabalhando no Brasil, dessas 34,60% são brancas e 64,78% negras. Nesse período de vida, o trabalho infantil é uma das principais causas do abandono escolar. As meninas negras ainda hoje são conduzidas a repetir um padrão que tem base no sistema escravocrata do passado. Cedo, começam a trabalhar como faxineiras nas casas de terceiros. De acordo com dados de 2013, divulgados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), mais de 93% das crianças e dos adolescentes envolvidos em trabalho doméstico no Brasil são meninas negras. (GONÇALVES, 2014, p.1).

A estatista citada reforça o que na prática demonstra a ineficiente do ensino na promoção ao respeito e tolerância à diversidade étnica racial, principalmente, no cumprimento da função social da escola em preparar o aluno para o mercado de trabalho e o exercício da cidadania. O aluno que sai da escola sem terminar seus estudos, demonstra que toda conjuntura, em torno da educação, precisa ser repensar e reformulada para contemplar políticas de inclusão e permanência desses alunos na escola.

Nota-se que o problema da evasão escolar além de ser o problema de convivência e reconhecimento do negro na escola, é também uma questão de políticas que não combate exploração do trabalho infantil. A escola, para esses alunos, está longe de ser o espaço para a construção e o exercício da cidadania. Ela não adota práticas pedagógicas atrativas, pelo contrário, reproduzem práticas que ainda mais, acentuam a desigualdade e as diferenças existentes na escola na relação entre os alunos negros e brancos.

2.5 A Concepção de Educação do Campo e Escola do Campo

Em consonância com a temática abordada neste estudo, faz-se necessário à exposição dos aspectos teóricos acerca do conceito de Educação do Campo, bem como, seus aspectos históricos, para uma melhor compreensão do entendimento da educação e a existência do preconceito racial na escola. No processo de identificação e construção da escola, a educação em aspecto estrutural vai determinar e esclarecer a sua função social, no entanto, só apenas nesse seu aspecto. Por isso, o reconhecimento do papel pedagógico também contribui para o papel do ensino e aprendizado na dinâmica entre a vida dos alunos e a escola, e sua função social.

Esse tópico, por sua vez, vai esclarecer a relação existente entre a Educação do Campo e Escola do Campo, permeando as orientações que norteiam o ensino e aprendizado dos alunos, assim como orienta o agir docente na escola. Suas concepções estão baseadas, sobretudo, no reconhecimento do aluno, do seu lugar social e do papel da escola em seu processo formativo e educacional.

No artigo intitulado "O campo da educação do campo", Fernandes e Molina (2003) trazem algumas contribuições que auxiliam na compreensão do paradigma da Educação do Campo. Para tanto, apresentam uma reflexão sobre o conceito de paradigma e levantam uma discussão apontando algumas diferenças acerca dos paradigmas da Educação Rural e da Educação do Campo enquanto espaço político, de ação e poder.

Conforme explicam os autores:

O campo da Educação do Campo é analisado a partir do conceito de território, aqui definido como espaço político por excelência, campo de ação e de poder, onde se realizam determinadas relações sociais. O conceito de território é fundamental para compreender os enfrentamentos entre a agricultura camponesa e o agronegócio, já que ambos projetam distintos territórios. (FERNANDES; MOLINA, 2003, p. 1).

As palavras dos autores conceituam a Educação do Campo como espaço eminentemente político na relação de ação e de poder, ou seja, a Educação do Campo como ocorrência do agir educacional e da relação de poder, que influencia o

agir docente e seus constituintes. Nesse seu conceito, os autores também falam do aspecto territorial para compreender ação docente nessa educação.

A Educação do Campo é um conceito recente que veio substituir o conceito de Educação Rural, que por sua vez, era visto como um conceito de educação atrasada e que não correspondia à realidade da educação do campo em sua dimensão multidisciplinar. Ainda que trouxesse uma contribuição bastante significativa para a reflexão da Educação do Campo e da Escola do Campo, o conceito de Educação Rural foi restrito comparando a dimensão da Educação do Campo.

Sobre seu aspecto histórico, Molina e Fernandes (2003) explicam que:

A ideia de Educação do Campo nasceu em julho de 1997, quando da realização do Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA, no campus da Universidade de Brasília - UnB, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, em parceria com a própria UnB, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. (FERNANDES; MOLINA, 2003, p. 11).

Portanto, as experiências dos movimentos sociais, principalmente dos trabalhadores trouxeram uma nova dimensão para a ideia e o conceito de Educação do Campo, estabelecendo uma interação com as outras dimensões da vida do campo. O envolvimento de movimentos fez surgir à concepção de Educação do Campo e da Escola do Campo.

Tanto a Educação do Campo como a Escola do Campo surge da necessidade de refletir sobre todos os constituintes que determinam a vida do homem no campo, de como eles se relacionam com a escola e ela, por sua vez, com a escola relaciona com sua vida no campo.

Há uma relação profunda e significativa entre Educação do Campo e seus sujeitos. Não se pode pensar essa educação do campo sem reconhecer o lugar em que o sujeito está inserido e do valor epistemológico que o representa. A escola do campo não pode ser constituída de saberes baseados em currículo que não reconhece o campo como a fonte de conhecimento. Por isso, a concepção de Educação do Campo e Escola do Campo que contemplamos é baseada na valorização e reconhecimento da dimensão plural dos sujeitos envolvidos.

É sentido que o ensino da cultura afro-brasileira se relaciona com essa temática. Essa sua dimensão, materializa-se na construção de um currículo que contemple a proposta epistemológica e pedagógica de valorização da cultura afro-brasileira. Os professores da Educação do Campo e da Escola do Campo, não estão isentos de sofrer os mesmos problemas em relação a essa temática, que os professores das escolas rurais. Em sua maioria, ambos sofrem os mesmos problemas. Não estão preparados para lidar com essa problemática na escola.

A rede de ensino, em geral, precisa rever essa questão, a fim de promover a igualdade e o respeito à diversidade étnico-racial. Do contrário, corremos o risco de reproduzir os preconceitos, que os negros sofrem desde sua chegada ao Brasil e ainda, os ignoramos como se não fosse um problema educacional.

Assim seguir, será apresentado um capítulo de análise de dados, realizada com os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dulcinete Nunes de Medeiros, em que demonstra em seus resultados o quanto essa temática precisa ser trabalhada na escola em sua proposta curricular e metodológica.

CAPÍTULO II

APLICAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

2.1 Caracterização da Escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Dulcinete Nunes de Medeiros, situada na rua 1º de maio em Pedras De Fogo. Fundada no ano de 1985, pelo prefeito Luís Francisco de Vasconcelos, pertence ao município de Pedras de Fogo-PB. Abaixo está registrada a imagem da escola, que nesse momento está em um lugar provisório, cedido pelo Instituto Federal da Paraíba ao município.

Figura 01 - Escola municipal de Ensino Fundamental Dulcinete Nunes de Medeiros



Fonte: Acervo pessoal, 2018.

Segundo o PPP (2018), a escola foi assim denominada através da lei municipal nº 438/84 em homenagem à senhorita Dulcinete Nunes de Medeiros. Era natural desta cidade, nascida aos 24 de setembro de 1929. Coursou pedagógico no colégio municipal de Itambé, chegando a lecionar na Escola Comercial João Úrsulo em Pedras de Fogo.

Quadro 01 - Aspectos físicos da Escola

| Infraestrutura | Sim/Não | Condições/Observações e outros aspectos relacionados |
|----------------------------------------------------|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A escola possui banheiro | Sim | Encontra-se em boas condições, têm 03 funcionários públicos, 01 masculino, 01 feminino, 01 para portadores com necessidades especiais. |
| A escola possui sala multifuncional? | Sim | Adequada para o desenvolvimento das atividades, com professora com especialização na área, que disponibiliza de uma hora para cada aluno. |
| A escola possui biblioteca? | Sim | A biblioteca encontra-se em boas condições, pois o espaço é dividido com a sala de vídeo e sala dos professores devido falta de sala da escola. |
| A escola possui cozinha? | Sim | A cozinha está em boas condições. |
| A escola possui laboratório de informática? | Sim | O laboratório de informática está em boas condições, contendo 17 computadores. |
| A escola possui laboratório de ciências? | Não | |
| A escola possui sala de leitura? | Não | As leituras são feitas dentro da sala de aula. |
| A escola possui quadra de esportes? | Não | |

Fonte: Própria autora, 2018.

Os aspectos particulares dizem respeito ao docente, sua experiência, corporeidade, formação, condições de trabalho e escolhas profissionais; aos demais profissionais da escola suas experiências e formação e, também, suas ações, segundo o posto profissional que ocupam; ao discente, sua idade, corporeidade e sua condição sociocultural; ao currículo; ao projeto político-pedagógico da escola; ao espaço escolar, suas condições materiais e organização e a comunidade em que a escola está inserida e às condições de localização.

2.1.1 Aspectos pedagógicos da escola

A abordagem pedagógica analisa compreende e aplica os princípios e bases que norteiam a ação pedagógica cotidiana, auxiliando a escola a definir suas prioridades e estratégias, convertendo-as em metas educacionais e decidindo coletivamente os procedimentos para alcançar uma educação de qualidade, através do processo ensino-aprendizagem e de uma avaliação contínuo e eficaz, onde os resultados deverão sempre ser reavaliados e as deficiências retrabalhadas, considerando ainda valores éticos e sociais indispensáveis à formação do cidadão.

A proposta metodológica da escola está baseada na sócio-construtivista. Seu objetivo é levar a criança a explorar e descobrir todas as possibilidades do seu corpo e mente na relação com o ensino e aprendizagem, de sua relação com o espaço escolar e através disso, desenvolver sua capacidade de observar, descobrir e pensar. As atividades são programadas e organizadas a partir das competências cognitivas dos alunos e do reconhecimento do que eles conhecem previamente. Sua proposta pedagógica tem como finalidade o desenvolvimento do educando como o todo, desenvolvida a partir das fases cognitivas que a criança vai desenvolvendo-se ao longo do crescimento e formação.

Os princípios étnico-culturais não estavam explicitados no Projeto Político Pedagógico (PPP), porém estão presentes através de projetos pedagógicos, desenvolvidos na escola ao longo do ano letivo. Quem participa de sua elaboração são professores, alunos, pais de alunos e funcionários.

A escola possui 439 alunos, divididos nos turnos manhã e tarde, possui uma diretora, uma vice-diretora, uma digitadora, 4 coordenadoras, 7 secretárias, 16 professoras, 11 monitoras, 9 auxiliares de serviços gerais. O corpo de professores é formado por um grupo de profissionais graduados e especializados e que em sua maioria cursaram o Programa de Formação de Professores Alfabetizados (PROFA), e aqueles que chegam à escola sem tê-lo cursado, é estimulado a cursá-lo.

Quadro 02 - Aspectos Administrativos da Escola

| Aspectos Administrativos | Sim/Não | Condições/Observações e outros aspectos relacionados |
|---------------------------------------------------------|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| A escola oferece alimentação escolar? | Sim | É fornecida através da Secretária de Educação. |
| A escola fornece materiais didáticos aos alunos? | Sim | É fornecido através do MEC |
| A Escola possui associação de alunos? | Não | |
| A escola possui conselho escolar? | Sim | São representantes de professores, representante de pai, representante de aluno, e representante da comunidade. |
| A escola possui eleição para gestor escolar? | Não | Por2 que é por indicação da Secretária de Educação. |
| A escola possui sala multifuncional? | Sim | A sala é bem estruturada e a professora tem especialização na área, e se disponibiliza de uma hora para cada aluno. |
| A escola possui | Sim | Através do reforço escolar. |

| | | |
|------------------------------------------------------------------------------|-----|-----------------------------------------------------------------------|
| atendimento para alunos com dificuldades de aprendizagem? | | |
| A escola possui proposta de atendimento para alunos com deficiências? | Sim | Através de monitoras na sala de aula e o apoio da sala multifuncional |

Fonte: Própria autora, 2018.

A escola proporciona regularmente aos professores, estudos dirigidos e discussões temáticas relativas ao processo de ensino- aprendizagem, como questões diretamente ligadas as situações-problemas que surgem no cotidiano escolar.

2.1.2 A relação escola e comunidade

A participação da comunidade é fundamental na construção de uma educação democrática. A escola deve se transformar em um espaço público, onde todos tenham possibilidade expor opiniões e, sobretudo, serem acolhidas e respeitadas em suas diferenças. Todos devem estar envolvidos na elaboração das normas disciplinares, organização e planejamento da escola. A escola existe porque a comunidade existe.

A participação da comunidade é um componente essencial para o sucesso educativo, porque a educação não se realiza eficazmente sem a valorização e participação da comunidade. O processo de ensino e aprendizado ocorre pela relação da escola com a comunidade. Para isso, a escola deve reconhecer na comunidade sua importância e realidade para a vida escolar. É na comunidade que se encontra os alunos, e levam para a escola todas suas vivências e realidades.

A participação da população na escola só surtirá efeitos a partir da participação de pais e responsáveis pelos alunos, oferecendo ocasiões de diálogo. E a direção deve estar consciente de que, para a abertura dos portões e muros, a escola deve estar consciente e predisposta a mudanças no gerenciamento e planejamento da escola, e assim, gerar participação da comunidade na escola.

Como forma de efetivação da participação da comunidade na escola, a gestão com seu corpo docente realizam reuniões com os pais, assim como desenvolvem atividades e eventos que traz a comunidade para dentro da escola. A participação dos pais na escola é bastante assídua e contribui bastante nas ações

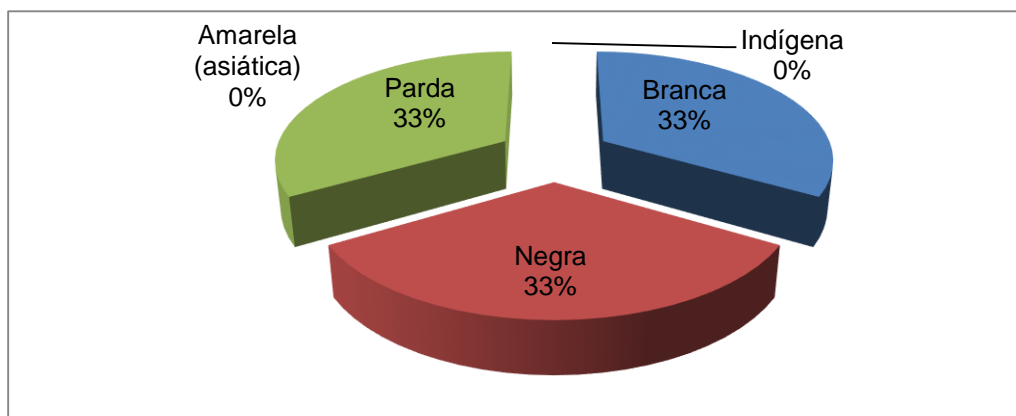
pedagógica da escola. Observa-se que os pais participam das atividades que a escola desenvolve para eles, como também contribuem para a construção das ações pedagógicas através de reuniões de pais e mestres.

2.2 A Perspectiva Docente sobre o Preconceito Racial

Esse trabalho, sobre a perspectiva docente em relação aos preconceitos raciais na escola, proporcionou resultados bastante reveladores sobre o tema apresentado. Isso revela o quanto foi importante essa pesquisa e ainda, como esse tema precisa ser trabalho nas escolas de ensino fundamental, aos iniciais.

Quanto ao perfil docente, o público alvo foram três professoras, e os resultados demonstraram que essa foi uma amostra satisfatória, uma vez que são 16 professoras que lecionam na escola, o que representa 18,75%, na relação população-amostra, e, portanto, atende ao proposto na análise temática, numa perspectiva de pesquisa qualitativa. Quanto ao gênero, todas se identificaram como sendo do sexo feminino e de procedência geográfica urbana. Já com relação à etnia, segue o gráfico demonstrativo da auto declaração das entrevistadas:

Gráfico 01 - Etnia Das Docentes Entrevistadas



Fonte: Dados coletados pela pesquisadora no período de maio de 2018.

Como percebemos, cada entrevistada afirmou ter um tipo de pertencimento racial diferenciado. Já com relação ao item da faixa etária, os dados demonstraram que duas delas (Professora A e professora C) estão na faixa etária entre 31 e 40

anos e a professora B está na faixa entre 41 e 55 anos. Podemos, portanto, afirmar que são pessoas adultas em pleno exercício profissional.

Quanto a sua Formação Superior, todas relataram terem curso superior com especialização. Sendo que a professora A é formada em Letras Vernáculas e Clássicas; já a professora B não respondeu esse item e a professora C é licenciada em História.

Quanto ao estudo dos conteúdos étnico-raciais, 100% (cem por cento) dos professores disseram ter estudado e conhecimento sobre a temática em sua formação docente. E, conforme o quadro 03, observamos suas respostas para proceder nossas análises.

Quadro 03 - O entendimento sobre os conteúdos étnico- racial, e sobre preconceito racial

| | |
|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A | “São todas as formas de menosprezar o outro por causa da sua etnia, seja através de chingamentos, distanciamentos, palavras, gestos ou atitudes que desvalorizam uma etnia em seus aspectos físicos, usos, costumes, etc.” |
| Professora B | “É uma forma de agressão emocional e psicológica, ocasionada pelo julgamento da cor, cabelo, raça, etc.” |
| Professora C | “Entendo se tratar de uma soma de atitudes impensadas. Tais como julgamentos antecipados, desconhecimento do assunto e uma falta de vontade de entender e respeitar o outro”. |

Fonte: Própria autora 2018.

A fala das professoras A, B e C representa uma narrativa sobre um entendimento apropriado na apreensão do debate sobre o preconceito racial. Destaca-se, que elas entendem que o racismo pode decorrer pelo fato de quem sofre o preconceito racial, quer seja pela cor da pele ou outros atributos, e até mesmo “chingamentos”; “agressões psicológicas” ou “julgamentos antecipados”.

Na próxima questão será abordada, se as depoentes já haviam presenciado algum tipo de preconceito racial, conforme está apresentado no quadro 04:

Quadro 04 - Já presenciou preconceito racial na sala de aula?

| | |
|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A | “Um jovem disse ao outro, de forma muito natural, que ele gostava de tomar banho para não ficar “fedendo a negro”. Aconteceram outros fatos, esse foi um dos que mais marcou”. |
|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

| | |
|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora B | “Um adolescente não querendo aceitar uma colega no seu grupo de trabalho”. |
| Professora C | “Por diversas vezes de alunos que diante dos discursos que houve em seu meio. Denegrir e ridicularizar as características de outra criança negra como a sua cor, seu cabelo, atribuindo apelidos”. |

Fonte: Idem.

Reconhecemos em todas as falas (A, B e C), que as docentes já presenciaram cenas de preconceito racial. Sendo que a professora A trouxe um fato que o preconceito já tomava forma de estereótipos, pois quem relaciona a expressão “fedendo a negro” está internalizando o preconceito que já vem de várias gerações.

Já a professora B em seu relato, evidenciou um ato de preconceito que poderia levar a um processo de discriminação na sala de aula. E, por fim, a professora C cita que inúmeros fatos ocorridos de preconceitos foram identificados o que condiz com um cotidiano repleto de reprodução do preconceito na sala de aula.

Dessa forma, uma escola que vivencia o preconceito na perspectiva docente, precisa planejar ações e envolver-se em uma estratégia para superar o preconceito na escola. E um desses recursos passa pela análise dos materiais, sendo o livro didático, um dos mais precisos. No quadro 05 apresentamos o entendimento das professoras a seu respeito.

Quadro 05 - Preconceito racial em livros didáticos

| | |
|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A | “Sempre, mais de uma vez por ano, costumo trabalhar através de debates, leitura de histórias e demais textos que valorizam principalmente a cultura afro – brasileira e indígena, filmes produção de cartazes, redações”. |
| Professora B | “Textos de linguagem verbal e não – verbal onde as personagens de cunho servil e escravista são sempre negros”. |
| Professora C | “Sim, diariamente trabalho e convivo com crianças de camadas populares e de um poder aquisitivo maior e percebo que o preconceito está em todas as esferas da sociedade brasileira. Diante desta realidade, presencio este preconceito se manifestar como professora estou e estarei de prontidão para combater e barrar estas manifestações negativas, como o bullying. Anualmente no mês de novembro intensifico o trabalho de conscientização com trabalhos, debates, projetos e muitas atividades no mês da consciência negra. Tenho um projeto voltado para o empoderamento de meninas com cabelos cacheados”. |

Fonte: Idem.

As respostas das professoras A e B foram diretamente ao ponto questionado. Sendo que a professora A recorre há vários recursos para evitar o uso dos livros didáticos, quando trazem em sua organização o racista. A professora B deixa evidente que tanto na “linguagem verbal”, quanto na “linguagem não-verbal” o preconceito racial é nítido nos livros didáticos. E a professora C falou de várias ações, mas não fez relação com o livro didático.

Ao indagarmos sobre a existência dessa temática no Projeto Político Pedagógico da escola, elas responderam que há a presença de conteúdos que contemple essa temática e que também, suas ideias são contempladas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Quadro 06 - A temática dentro do Projeto Político Pedagógico na Escola

| | |
|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A | Sim. Tanto ele está presente no PPP, quanto no Projeto de Intervenção Pedagógica “A cor da Cultura”. |
| Professora B | Sim, trabalhamos com um projeto de valores humanos no qual enfatizamos o respeito, amizade, solidariedade, união, humildade, etc. valores necessários para formação de um cidadão justo e responsável. |
| Professora C | Sim, com certeza. Nele está contida a implantação da história e cultura afro – brasileira a ser vivenciada em suas salas de aula para a construção de uma sociedade que preze pela liberdade, civilidade e se respeite ao passo em que ela se conheça. |

Fonte: idem.

Considera-se bastante importante que esse tema esteja contemplado no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Ele representa um importante documento que articula marcos conceitual e operacional. E em se tratando dessa temática proporciona um trabalho coletivo, que deve ser construído pela escola em conjunto com a comunidade, como bem frisou a professora C “[...] a construção de uma sociedade que preze pela liberdade, civilidade e se respeite ao passo em que ela se conheça”.

Dessa forma, as docentes sentem à vontade para dizer da importância desse tema na escola. Para isto, também deram sua contribuição como mostrará o quadro a seguir a respeito da importância dessa temática. Vejamos o quadro 07.

Quadro 07 - Importância da temática sobre o preconceito racial na escola.

| | |
|---------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A | “Sim. Pois precisamos divulgar o respeito mutuo e lutarmos contra o preconceito, tanto o explicito quanto o velado, dando assim a oportunidade às pessoas das mais diversas etnias de se aceitarem e se sentirem felizes”. |
| Professora B | “Sim, muito importante formar na criança os valores humanos como respeito ao próximo e valorização pessoal independente de cor, raça ou religião”. |
| Professora C | “Ela é fundamental. Diante da realidade que vivemos de preconceitos, intolerâncias e total desrespeito em relação ao outro, nós como educadores temos que abraçar e lutar pela causa afinal temos um histórico de descendência nas nossas veias. Devemos diariamente valorizar nossos afro – descendentes, eles fazem parte da maioria da população brasileira e todo o nosso passado e presente social e cultural tem o tom do negro”. |

Fonte: Idem.

A professora A contempla em sua fala o entendimento sobre a formação do preconceito racial, em suas diferentes formas, quer seja explícita ou velada. Destaca-se na fala da professora B, sua preocupação em relação à formação da criança, partindo de valores humanos e do respeito às diversidades culturais. E, no prosseguimento, a professora C realizou uma síntese pedagógica sobre a importância da temática nos aspectos dialógicos na formação docente e a sua identidade “[...]nós como educadores temos que abraçar e lutar pela causa afinal temos um histórico de descendência nas nossas veias [...]”. Por isso, realizamos um respeitável diálogo com essas professoras, no qual aprendemos bastante.

No quadro 08, sistematizamos as atividades desenvolvidas na Semana da Consciência Negra, nessa perspectiva docente.

Quadro 08 - Atividades da Semana da Consciência Negra

| | |
|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Professora A | “Nunca deixo esta semana passar em branco nas escolas em que trabalho, sempre procuro mobilizar alunos e equipe de trabalho para realizarmos diversas ações”. |
| Professora B | “Palestras e apresentações culturais relativas ao tema”. |
| Professora C | “Na verdade eu trabalho o mês da consciência negra. Tenho um projeto de empoderamento dos cabelos crespos e cacheados das meninas e meninos das escolas que trabalho com palestra, debates, |

| | |
|--|------------------------------------------------------------------------------------|
| | danças, musicas, desfile dia da beleza etc. é um mês que mim envolvo diretamente”. |
|--|------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Idem.

Observamos que existem múltiplas formas de realizar uma Semana da Consciência Negra na escola, e que, nessa apreensão, as educadoras A, B e C são construtoras de práticas educativas para o combate ao preconceito racial e desenvolvem diferentes atividades culturais mobilizadoras no entorno da comunidade escolar.

Além dessas respostas, em nosso diálogo com as entrevistadas, observou-se que a professora C é a mais experiente entre as entrevistadas na interpretação sobre o preconceito racial. E, além disso, as docentes entrevistadas são exemplos, sem exceção, de educadoras comprometidas e atuantes no combate ao preconceito racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste estudo realizado como Trabalho de Conclusão de Curso e vivenciado no campo de estágio destacam-se algumas inferências importantes apreendidas no seu desenvolvimento, dentre elas, a ideia de que a formação cultural brasileira se caracteriza em uma composição de diferentes etnias e culturas, e que tal estudo é complexo, pela sua diversidade.

Nesse sentido, a escola, como uma instituição plural, deve está receptiva e responsável pela mudança de paradigmas e de ideias pré-concebidas, vinda das mais diferentes representações sociais, na busca do respeito a essas diversidades, para que seja um espaço inclusivo, e isso se configura um grande desafio para educação.

Esse desafio não é fácil, considerando os valores enraizados de uma sociedade excludente, que costuma ignorar aqueles que são exceção no contexto educacional. Nesse sentido, o espaço escolar deve caracteriza-se indiscutivelmente privilegiado, onde o distanciamento do racismo e, do preconceito racial só é possível mediante práticas pedagógicas inclusivas que possibilitem a autoria e ressignificação da história e do seu sujeito atuante. Nessa direção, entende-se que somos uma nação multirracial e que a valorização do nosso acervo histórico possibilita a construção e permanência de uma memória plural.

Com efeito, as lutas e as ações auto afirmativas dos afrodescendentes por liberdade e igualdade de direitos já justificam a abordagem das raízes culturais africanas, que contribuíram para o processo da civilização brasileira. Conforme visto na Lei 10.639/2003, que altera a lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em um de seus artigos é obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica.

Em nossa pesquisa de campo, pudemos perceber que a perspectiva docente da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dulcinete Nunes de Medeiros está consciente, sensibilizada e possui uma identidade com a temática, mas ainda falta uma atenção para com este tema no combate ao preconceito e a superação do mesmo no cotidiano educacional.

Contudo, os dados colhidos e analisados viabilizaram o desenvolvimento da pesquisa de forma satisfatória, identificando na perspectiva docente, a existência do preconceito racial no espaço escolar. No entanto, tal problema deveria ser

trabalhado pelos docentes tanto na sala de aula como em todo espaço escolar, não só na semana da consciência negra, mas durante o ano todo.

Ainda assim, percebe-se a existência de avanços, ou pelo menos, uma preocupação com as diversas formas da existência humana, em que a perspectiva docente tem apontado a preocupação sobre sua prática pedagógica, no sentido de transmitir seus conteúdos em sala de forma consciente e, em respeito à diversidade étnica e cultural do Brasil, visando à construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária.

Sem sombra de dúvida, a pesquisa demonstra resultado bastante positivo na docência da escola mencionada, em relação ao desenvolvimento e o trabalho da proposta temática na escola, bem como, também há uma necessidade urgente de estender esse trabalho para a rede de ensino do município. Pois a maneira como lhe tratamos essa temática na escola, refletem-se os comportamentos dos indivíduos na escola e, possivelmente, na sociedade. Amplitude dessa temática, não somente reconhecer seu valor no espaço escolar, como também possibilita o reconhecimento dos aspectos políticos, históricos e culturais dos afrodescendentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. SANCHEZ, Livia Pizaur. **Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00055.pdf>> Acesso em: 02/03/ 2018.

BRASIL. Lei nº 9394/96, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 03/03/2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).** Ensino Fundamental. Brasília: MEC. 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/merenda-escolar/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211>> Acesso em: 10/04/2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) **Conteúdo Histórico: Brasil – 500 anos de povoamento.** 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>>. Acesso em: 04/03/2018.

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf> Acesso em 10/04/2018.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais da Educação do Campo.** _____, CNE/CP Nº 1, 2002. In.: **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica.** Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito,** discriminação na educação infantil. 2 eds. São Paulo: contexto, 2003. FERNANDES, Bernardo, MOLINA, Mônica Castanho. **O campo da educação do campo.** Disponível em: <<http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/ArtigoMonicaBernardoEC5.pdf>> Acesso em 10/04/2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: **Superando o racismo na escola.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade. 2005. Disponível em: <<http://etnicoracial.mec.gov.br/2013-03-06-18-02-36>>. Acesso em: 03/03/2018.

GONÇALVES, Juliana. **O que afasta as crianças e adolescentes negros da escola?** Portal Geledes. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-afasta-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola/>> Acesso em: 04/04/ 2018.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação.** In: Superando o racismo na escola. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade. 2005. Disponível em: <<http://etnicoracial.mec.gov.br/2013-03-06-18-02-36>>. Acesso em 02/03/ 2018.

MENDES, Iba. **A origem do “Preconceito”**. In: Portal Etimologista. 2010. Disponível em: <<http://etimologia.com/2010/origem-do-preconceito.html>> Acesso em 07/03/2018.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetizada e Diversidade. 2005. Disponível em: <<http://etnicoracial.mec.gov.br/2013-03-06-18-02-36>> . Acesso 02/03/2018.

PARO, Vitor Henrique. **Pontos críticos da proposta [da Escola em Tempo Integral]**. In: CADEMARTORI, Ligia (Org.). *O desafio da escola básica: qualidade e equidade*. Brasília, IPEA, 1991. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/20573773/alencar-livro-2---gestao-educacional---praticas-reflexivas-e-proposicoespdf/35>> Acesso em: 15/04/2018.


VERÇOSA, Alzenite de Araújo. **Racismo na escola: o silêncio fala mais alto**. Ouro Preto, 2012. Disponível em: <<http://www.amde.ufop.br/tccs/Xapuri/Xapuri%20-%20Alzenite%20Vercosa.pdf>> Acesso em: 05/03/2018.

QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão negra em debate**. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

SILVA, Ana Celia Da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In MUNANGA Kabengele (orgs.). **Superando o racismo na escola**. 2 eds. Revisada.

SILVA FILHO, José Barbosa da. **História do Negro no Brasil**. Cadernos Penesb, v. 7, p. 102-134, 2006.

APÊNDICE

| | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I</p> <p>CURSO DE PEDAGOGIA ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO</p> |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

QUESTIONÁRIO

Caro **professor/a**, este instrumento faz parte de um processo de pesquisa e tem como objetivo coletar dados e realizar análise das informações, visando contribuir para construção do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde já, agradecemos a sua colaboração. Salientamos, ainda, que as informações aqui prestadas não serão reveladas para outro fim, que não seja, o da pesquisa científica e que o seu nome não será revelado, conforma a norma ética 136, da legislação vigente do Conselho de Ética, de nossa instituição.

1ª PARTE – PERFIL DO DOCENTE

GÊNERO

Sexo () Masculino () Feminino

PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA

Origem () Urbana () Rural/Camponesa

RAÇA/ETNIA

() Branca () Negra () Parda () Amarela (asiática) () Indígena

FAIXA ETÁRIA

() Menos de 20 anos () Entre 31 e 40 anos

() Entre 20 e 30 anos () Entre 41 e 55 anos

() Mais de 55 anos

QUAL A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR?

() Médio incompleto () Superior completo com especialização.

() Médio completo () Superior completo com mestrado.

() Superior em andamento () Superior completo com doutorado.

() Superior completo () Outro

SE ESTÁ CURSANDO OU JÁ CONCLUIU UM CURSO SUPERIOR.

RESPONDA: QUAL (IS) CURSO(S) TERMINOU OU ESTÁ TERMINANDO: _____

QUANTO TEMPO/EXPERIÊNCIA EM ANOS DE ATIVIDADE DOCENTE VOCÊ POSSUI: _____

2ª Parte - QUESTÕES SOBRE A PESQUISA:

1. **Você já estudou sobre os conteúdos de Educação étnicos raciais?**

() Sim () Não

2. **Se sim, o que você entende por preconceito racial?**

3. **Já presenciou algum tipo de preconceito racial na sala de aula?**

() Sim () Não

4. **Se, sim, poderia relatar:**

5. **Você já notou algum conteúdo ou figuras contidas nos livros didáticos de cunho racista ou que sugira preconceito racial?**

() Sim () Não

6. **Você trabalha ou já trabalhou sobre o preconceito racial na sala de aula? Como ?**

7. **No Projeto Político Pedagógico da escola você identifica essa temática?**

8. **Você achar importante trabalhar essa temática na escola? Por quê ?**

9. **Em relação à Semana da Consciência Negra, de que forma você participa das atividades:**

Termo de consentimento informado

Eu, _____ RG
_____, concordo em participar da pesquisa intitulada: **Preconceito Racial na Escola: a perspectiva docente em uma Escola Municipal do Ensino Fundamental da cidade de Pedras de Fogo - PB**, parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna de Pedagogia/Educação do Campo, GLAUCILEIDE NUNES DE MELO. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito.

Assinatura do (a) participante